

IMPLEMENTAÇÃO DE TRILHA INTERPRETATIVA NA SERRA DE MARACAJÚ, AQUIDAUANA-MS: PROPOSIÇÃO DE UM ROTEIRO DE VISITAÇÃO

Guilherme Silverio Aquino de Souza¹ Afrânio José Soriano Soares²

¹Estudante do Curso de Engenharia Florestal da UEMS, Unidade Universitária de Aquidauana-MS; guilhermesouza_14@hotmail.com

²Professor do curso de Engenharia Florestal da UEMS, Unidade Universitária de Aquidauana-MS; afranio@uems.br

Segundo Hesselbarth e Vachowski (2004), as trilhas existiram a princípio para deslocamento, sendo o caminho mais fácil e conveniente. Seus valores passaram a ser mudados, a partir do momento em que permitiam reflexões sobre as nossas raízes, um contato mais próximo com o ambiente natural, podendo proporcionar momentos de bem estar psicológico e desafios dos limites do corpo. Contudo os objetivos podem variar, sendo estes que num primeiro momento definem o tipo e traçado da trilha assim como aspectos técnicos de sua implantação e manutenção.

Deste modo, cada trilha tem suas particularidades como o desenho de seus traçados, presença de obras de regularização, segurança e manutenção para atender a requisitos específicos, no que se trata do nível de dificuldade previsto, a carga de uso esperada, as características físicas da área, além de considerações estéticas e ecológicas, (HESSELBARTH e VACHOWSKI, 2004). Estas preocupações, aliadas a interpretação ambiental, é que definem de fato se uma trilha é apenas um caminho ou de fato é um instrumento de educação ambiental. Este projeto tem o intuito de promover a Educação Ambiental por meio da implantação de uma trilha interpretativa junto a Serra de Maracaju – Aquidauana.

Desde 2001, o GEMAP vem realizando, na área onde será implantada a trilha interpretativa, visitas monitoradas com alunos, professores e funcionários do antigo CERA (Centro de Educação Rural de Aquidauana), hoje UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul -Unidade de Aquidauana). A criação da trilha vem de encontro à necessidade de conservação da Serra de Maracaju como um todo e das área de preservação permanente (APPs) da fazenda da UEMS. Estas, além de um grande potencial recreacional e turístico, também são relevantes para o desenvolvimento de

atividades educacionais por meio da vivência prática, da experimentação *in loco*, isto é, através da percepção ambiental (MACEDO, 2000).

Deste modo a implantação da mesma está sendo realizada por meio da interpretação ambiental. Esta visará mais do que a transmissão de conhecimento, proporcionará atividades que revelarão definições e qualidades do ambiente através de elementos originais, estimulando o visitante, buscando a princípio a experiência imediata e sensorial do ambiente, e a posterior análise e interpretação, esperando sempre uma resposta sensorial e assim fisiológica, por exemplo, felicidade ou medo (MACEDO, 2000).

Após definidos os pontos de visitação (MAGRO e FREIXEDAS, 1998), serão realizadas obras para o acesso. Andrade e Rocha (2008) sugerem as seguintes: Clareamento, regularização e pavimentação, se necessário a construção de degraus, escadas, barreiras de escoamento e ornamentação de drenagem.

Qualquer tipo de instalação realizada em ambiente natural promove certo impacto ambiental e modifica a paisagem natural (ANDRETTA et. Al 2006). Segundo Hesselbarth e Vachowski (2004) e Proudman (1977), um trilha de alta qualidade mostra poucas evidências das obras realizadas, além de manter o equilíbrio entre a beleza local e o objetivo.

Além das obras, as placas também são interferências estritamente necessárias, que apesar de ajudar na percepção, não podem sobressair às belezas da trilha. Andretta et. al (2006) salienta a importância da escolha do material (madeira, racha ou metal) afim de gerar o mínimo impacto possível no que diz respeito aos recursos naturais ou poluição visual.

O projeto prevê o uso de madeira para placas. A confecção e implantação destas seguirão cuidados propostos por Andretta et al (2006), onde a manutenção exigirá tratamentos com *verniz* ou resinas especiais para garantir certa durabilidade, facilitará a limpeza e dificultará vandalismos. A fixação das placas será feita com suporte de madeira, evitando a utilização de troncos de árvores do local.

Devido ao fato do projeto ainda estar no início (junho de 2010), somente foram realizados algumas atividades, quais sejam:

- Revisão bibliográfica sobre o bioma cerrado, trilhas interpretativas e informações locais. Esse levantamento foi realizado junto principais bases de dados disponíveis pela internet, principalmente no Portal Capes, além de instituições locais, como jornais e bibliotecas universitárias como da UFMS e UEMS.

- Reconhecimento da área: visitas a campo para a definição da área a ser trabalhada, além do registro, por fotografias, do ambiente como um todo (aspectos da geomorfologia, relevo, vegetação e vestígios de animais).

As visitas a trilha e demais áreas potenciais para a proposição de um novo traçado, tem sido realizadas por todos os membros da Equipe GEMAP (proponente do projeto). Para a definição dos pontos de interpretação será utilizada a metodologia sugerida por Magro e Freixedas (1998) que se constitui em 05 fases para a determinação de pontos de interpretação, sendo eles: levantamento dos pontos potenciais para a interpretação, levantamento e seleção de indicadores, elaboração da ficha de campo, aplicação da ficha de campo, e seleção final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Magro, T. C.; & Freixedas, V. M. 1998. Trilhas: como facilitar a seleção de pontos interpretativos. **Circular Técnica IPEF**, v.4, n.186, p.4-10.

Hesselbarth, W.; & Vachowski, B. 2004. **Trail construction and maintenance notebook: 2004 edition**. Missoula, MT: U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Missoula Technology and Development Center. 139 p.

Macedo, R. L. G. 2000. **Percepção e Conscientização Ambiental**. Lavras-MG: Editora UFLA/FAEPE. 2000.132p.

Birchard, William, Jr.; & Proudman, Robert D. 2000. **Appalachian trail design, construction, and maintenance**: 2nd ed. Harpers Ferry, WV: Appalachian Trail Conference. 237p.

Proudman, R. D. 1997. **AMC Field guide to trail building and maintenance**. S. L. p. Appalachian Mountain Club. 165p.

Andrade, W. J.; Rocha, R. F. 2008. Manual de trilhas: um manual para gestores. IN: **IF Sér. Reg.**, São Paulo-SP, n. 35, p. 1-74.

Andretta, V.; Macedo, R. L. G.; Vitorino, M. R.; Martins, G. S. 2006. **Sinalização de trilhas: importância e eficiência.** 13 p. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/11566793/SINALIZACAO-DE-TRILHAS-IMPORTANCIA-E-EFICIENCIA-> (último acesso em: 10/07/2010).